

Manuel Arouca

Jacinta
A Profecia

OPICINA
DO LIVRO

ÍNDICE

PARTE I

| | |
|---|----|
| INCORRUPTA | 13 |
| A DANÇA | 16 |
| O TRANSCENDENTE..... | 20 |
| AS APARIÇÕES DO ANJO | 24 |
| PRIMEIRA APARIÇÃO DE NOSSA SENHORA | 34 |
| JACINTA, A PRIMEIRA <i>APÓSTOLA</i> DE FÁTIMA | 39 |
| SEGUNDA APARIÇÃO DE NOSSA SENHORA..... | 45 |
| O DEMÓNIO | 54 |
| SACRIFÍCIOS..... | 59 |
| O INFERNO..... | 67 |
| A RÚSSIA | 74 |
| O ANÚNCIO DE UM MILAGRE..... | 79 |
| A PROFECIA DE JACINTA | 82 |

PARTE II

| | |
|-------------------------------------|-----|
| O SEGREDO | 87 |
| O ADMINISTRADOR | 90 |
| A CABALA | 96 |
| O PÁROCO | 104 |
| A PRISÃO..... | 111 |
| NOSSA SENHORA APARECE DE NOVO | 132 |
| O MILAGRE..... | 142 |

PARTE III

| | |
|------------------------------------|-----|
| A VINGANÇA | 159 |
| A ANGÚSTIA DO PADRE..... | 163 |
| PRIMEIRA PROFECIA DE JACINTA | 169 |
| A SANTINHA | 177 |
| A GRIPE ESPANHOLA..... | 188 |
| O ÚLTIMO SORRISO | 194 |
| A DÚVIDA | 205 |
| CALVÁRIO | 208 |
| A DESPEDIDA | 212 |
| LISBOA..... | 218 |
| O PERFUME DAS ROSAS | 235 |
| SEGUNDA PROFECIA DE JACINTA..... | 254 |

PARTE I

INCORRUPTA

Novembro de 1935, Pontevedra, Espanha, ao som dos trovões e de uma chuva grossa que fustiga os vidros de janela, Lúcia, a vidente de Fátima, caminha pelo frio corredor do convento das irmãs Doroteias em direção à sua cela. Traz na mão trémula um envelope que lhe fora enviado pelo bispo de Leiria. Entra vergada pelo pesado hábito e pela tempestade outonal que se abate sobre a cidade da Galiza. Senta-se na cadeira. Pousa o envelope no tampo da escrivaninha simples. Abre-o com uma estranha ansiedade. São fotografias. Mas fotografias que aceleram as batidas do seu coração. Jacinta, a sua querida prima, é como se estivesse ali viva diante dos seus olhos. Morrera fizera já quinze anos. Sabia que os seus restos mortais iam ser trasladados de Ourém para o cemitério de Fátima. Espanta-se de como o rosto ainda está preservado. Fica um tempo indefinido a olhar aquele rosto meigo que continua radioso. Segundo as suas memórias, escreve ao bispo: «Fiquei tão contente por ver o rosto da minha mais querida amiga de infância que até me esqueci que estava diante de uma fotografia, e apetecia-me abrir o véu, porque se vê um véu a cobrir o corpo da menina em céu aberto.» Escuta o silêncio à sua volta. Pararam os trovões e a chuva impiedosa. Levanta-se, olha através da janela, e os raios de sol que brilham escapam-se entre as nuvens e vão ilu-

minar aquele rosto já de si luminoso de Jacinta. Foi assim que a natureza se manifestou no milagre do Sol. Acontece um novo milagre, um milagre que é atribuído a um sinal de santidade, o da incorruptibilidade dos corpos. Tantas memórias vêm ao seu coração, como pode uma vida tão curta ser tão cheia. Porém, há uma perturbação em Lúcia. Com a prima querida e melhor amiga viu Nossa Senhora, presenciou, de uma forma indescritível, a presença do Céu na sua vida, mas sente a falta de sentido para essa mesma vida. Porque não está no Céu gozando da felicidade dos primos Jacinta e Francisco. Ela que tivera de ser retirada das atenções do mundo porque era insustentável viver sob a pressão dos olhares, dos comentários, das perguntas, de lhe tocarem, de quererem a sua roupa, das intrigas, das dúvidas, mas para quê? Na sua fé agradece cada dia, mas por que razão Nossa Senhora a mandou aprender a ler e a escrever? Tantas perguntas sem resposta e agora, diante dela, viva, com aquele olhar único, a prenda de Deus, a sua prima bela para sempre, indiferente aos vermes do mundo. Como gostava de contar tantas e tantas histórias e emoções que partilhou com Jacinta. Como ela gostava de poder desvendar aquilo a que chama *profecia de Jacinta*, mas que está envolto no segredo que elas guardaram com tanto sofrimento e que tantas discussões vivas gerou entre as duas primas. Ao saborear toda aquela luz que invade o quarto, Lúcia deixa-se cair sobre a sóbria cama com as fotografias entre os dedos. Ela sente, tem a premonição, que mais uma vez a sua prima mudará o sentido da sua vida, mais uma vez ela vai ser um sinal. Contudo, num impulso não se deixa entorpecer por aquela sensação de contemplação. Levanta-se, deixando as fotografias harmoniosamente espalhadas sobre a cama, e escreve ao bispo, agradecendo e deixando bem evidente como ficou impressionada pela incorruptibilidade do corpo da prima. As palavras são tão bem encadeadas, estruturadas, vivas, que o bispo pede-lhe para escrever sobre Jacinta. Lúcia tem um dom, uma missão: dar a conhecer ao

mundo a mensagem que Nossa Senhora deixara em Fátima, através daquela que, pela crueza e realidade das fotografias, tinha sinais de santidade. Lúcia abraça de corpo e alma a sua missão, eternamente grata a Jacinta. Só que não pode escrever sobre a profecia de Jacinta, pois faz parte do segredo.

A DANÇA

Jacinta tinha uma arte especial para dançar, recorda Lúcia, na emoção de relembrar, através de fotografias tão surpreendentes e misteriosas, a sua prima. Na plenitude da sua imaginação, só a vê a dançar entre as serras e os vales a dança dos Anjos, como ela rodopia, como abre os braços, como mexe os pés, que por vezes se escondem na brancura das nuvens.

A dança, esse desejo que nasce com Jacinta para se mostrar ao mundo, para ser o centro das atenções, é como a expressão artística de alguém que nasce com uma personalidade egocêntrica. Chamavam-lhe mimada, vaidosa, rebelde, reguila, alegre, extrovertida e com uma vontade grande de ser reconhecida, elogiada. Poderá uma personalidade com todas estas características, ainda por cima criança, evidenciar, até através da incorruptibilidade do seu corpo, um estigma de santidade?

Jacinta Marto nasceu a 11 de março de 1910, como se dizia na gíria, filha mais nova de segunda cama. A sua mãe, Olímpia, quando enviuvara já tinha dois filhos e do seu segundo casamento, com aquele que era popularmente conhecido pelo «ti Marto», teve mais cinco filhos, entre eles Jacinta. Nasce num mundo marcado pelas grandes diferenças sociais, onde predominava a miséria. Até na poderosa Inglaterra, que se vai libertando dos rigores da época vitoriana, mas ainda fustigada

pela ressaca da revolução industrial, onde o progresso pôs a nu chagas de grande exploração e miséria. Portugal, um país pobre onde a revolução industrial era uma miragem, sonha com esse progresso quando se dá a implantação da República nesse ano de 1910. O aviso já tinha sido dado com o regicídio do rei D. Carlos, dois anos antes. Mas o que importa reter para nos focarmos em Jacinta é que essa nova onda centrada no progresso, no materialismo, no conhecimento científico, ateia, profundamente anticlerical, choca com o país real, ou seja, um país rural, pobre, ignorante, mas de uma grande religiosidade. Esse é o ambiente onde nasce e cresce Jacinta.

Jacinta é uma criança cuja beleza não passa despercebida. Tem um rosto arredondado, uns olhos grandes, rasgados, negros, vivos, uma boca com lábios bem desenhados, finos, um nariz arrebitado. Todas estas feições emolduradas por cabelos compridos que conjugam o castanho-claro com o escuro. É esse retrato da infância de Jacinta que povoa a mente de Lúcia quando vê as fotografias da transladação do corpo da prima. Como se todos estes traços tão cuidados, tão ricos em estética e simplicidade, se mantivessem e fossem imunes à morte.

A infância de Jacinta, tendo sempre como sua sombra o irmão Francisco, está marcada por esse mundo rural, rodeado pelos montes, a vegetação, por vezes bem agreste, os animais, onde predominam os rebanhos, sem frequentar a escola. Os cenários da sua infância são a casa dos pais em Aljustrel, a igreja paroquial em Fátima, onde acompanha a família aos domingos, a eira da casa da família da Lúcia e, no fundo do quintal dos primos, o poço coberto de lajes. Ali, à sombra de uma oliveira e duas ameixeiras, diverte-se a jogar com Lúcia e Francisco os jogos das «pedras» e dos «botões». É danada para os jogos. Ao contrário da pacatez do irmão, é competitiva, está-lhe nos genes, e não descansa enquanto não ganha os jogos. De tal maneira que Lúcia, nas suas memórias, escreve

que ela lhe ficava com os botões todos e fazia grandes chantagens para não os devolver, ameaçando que não jogava mais, nem se importando que Lúcia tivesse de enfrentar a fúria da mãe, porque chegava a casa sem botões na blusa. Jacinta sente-se fascinada pela prima mais velha e instintivamente apercebe-se que esta às vezes não tem paciência para o seu caráter mais caprichoso. Desafia-a permanentemente, dá-lhe luta e Lúcia, que tem um feitio mandão, também não desiste enquanto não vergar a prima. Tarefa hercúlea. No jogo das prendas, por exemplo, vê-se constantemente em desvantagem. E neste jogo quem ganha pode mandar fazer o que lhe der na real gana ao que perdeu. Jacinta manda Lúcia fazer as coisas mais extravagantes. Ri-se a bandeiras despregadas quando ordena à prima que corra atrás das borboletas. Quantas vezes, naquele quadro impressionista, esta cai quando as borboletas, no seu voo lento, mas teleguiado, mudam de direção.

Um dos passatempos de Jacinta, que evidencia a sua vaidade, é deixar que a sua mãe esqueça o tempo a penteá-la. Jacinta tem um amor especial pelos seus cabelos e quer que a mãe cuide deles como ela cuida das flores. Ainda antes de lhe ser destinado o pastoreio como à generalidade das crianças da região de Fátima, entretém-se com toda a diversidade da natureza. Aprende a contar com as estrelas de tanto pular os seus olhos de uma para outra, para toda aquela infinidade que brilha nos céus. É uma criança inteligente. Sobretudo uma criança inquieta. Lúcia aprende catequese com a mãe. Sob a sombra das figueiras, ou outro cenário daquela paisagem que se perde na força da serra, transmite o que aprendeu aos dois primos. Jacinta enche-a de perguntas. Porque fora Jesus morto na cruz? Como podia estar, sem se ver, em tantas hóstias ao mesmo tempo? Jacinta tem a curiosidade e a profundidade dos grandes filósofos. Nos tempos atuais, deixaria os professores à beira de um ataque de nervos. Todo esse vulcão que existe dentro de si exprime-o, exatamente, na dança. É a arte mais

popular associada às festas religiosas onde o povo e as suas famílias convivem e se divertem. E Jacinta não para de dançar, naquela sequência de imagens que se multiplicam na mente de Lúcia e se perdem no meio das nuvens. Jacinta, elétrica, dança, dança como forma de expressar toda a sua sensibilidade, até surgir o novo pároco, como se verá mais adiante.

A infância da criança dá-se, efetivamente, num mundo antagônico ao do progresso, motor do desenvolvimento das sociedades ocidentais naquele princípio do século xx. Nestes dois polos opostos são inúmeras as discussões sobre o conceito de «felicidade». De um lado, ela só é possível num mundo sem influência ou presença da religiosidade e de Deus, do outro, a felicidade só é possível na presença de Deus. É interessante ver que as feridas que o progresso traz, ligado à revolução industrial, conotadas com a ganância e a servidão ao dinheiro, provocam uma tremenda infelicidade nos bairros operários de Londres. Por outro lado, no ambiente rural, duro e religioso, onde se move Jacinta não é evidente essa infelicidade. Essa marca vai fazer parte do conceito da *profecia da Jacinta* e também permite questionar como seria uma menina radiosa, carismática, com talento para dança, arte, num mundo que puxava mais pelas vertentes puramente materiais e de sucesso que pelas vertentes confinadas ao religioso. Talvez o destino de Jacinta não fizesse parte de nenhuma das duas, nem o puramente material, nem o religioso no sentido mais conservador e político do termo. O destino de Jacinta ia muito além desses dois mundos, mas teria ela consciência disso? Claramente não tinha e isso ainda torna mais fascinante a viagem a fazer com Jacinta.

O TRANSCENDENTE

Jacinta, juntamente com o seu irmão Francisco e a prima Lúcia, vive em 1916 uma experiência mística intensa. Deu-se a aparição do Anjo e foi como se um *tsunami* de Deus se abatesse sobre as crianças. Ficaram vergadas, sem se conseguirem mexer e com uma chama ardente a percorrer os respetivos corpos. Como se estivessem no meio de um incêndio devastador, cercados por fogo por todos os lados, sem escapatória. Neste caso, eles estavam tolhidos como estátuas mas desejando intensamente que aquele fogo de amor os devorasse. Tiveram uma experiência concreta com o Espírito Santo, aquele foi o seu batismo do fogo no Espírito Santo. Poder-se-ia entrar em especulações teológicas, como aquela em que Nossa Senhora foi visitada pelo Anjo da Anunciação que lhe revelou que ia ser mãe de Deus, e só depois dessa aparição e do seu consentimento, se sentiu preparada para dar à luz aquele que foi fruto da ação do Espírito Santo, Jesus Cristo. Também só com as aparições do Anjo, os pastorinhos ficaram preparados para a mensagem que Nossa Senhora lhes trouxe. A pergunta que nos queima a curiosidade é: porquê estas três crianças, porquê Jacinta?

Em 1916, a Europa é um barril de pólvora. A guerra mais estupidamente mortífera de sempre. Desde exércitos gaseados às bombas lançadas pelos aviões, ao suicídio de batalhões que

se atiravam para as trincheiras adversárias, como alvos tão fáceis e evidentes que nos filmes que vemos só nos apetece gritar «cambada de cretinos», uma guerra com uma crueldade inexplicável, como se os homens tivessem ciúmes do inferno e o quisessem transplantar para o próprio planeta Terra. Uma guerra que teve, entre outros, dois heróis, Hitler e Churchill, que anos mais tarde se iriam odiar de morte e seriam protagonistas de mais uma chacina humana. Em Portugal, que viria a entrar na guerra, a situação também é um barril de pólvora, com violência e muito sangue derramado pelos golpes e contragolpes da imberbe República. Mas em Fátima, mais concretamente em Aljustrel, onde nasceram e vivem as crianças, é como se o curso da História não passasse por ali. As casas em Aljustrel, a um quilómetro de Fátima, são rústicas, de pedra, com as pequenas divisões, repartidas por muitos, vizinhas das acomodações para recolha dos animais; a cozinha com a lareira, os teares, os símbolos religiosos, a eira para os dias mais quentes; com todas as características de uma vida rural onde se amanha a terra, com o cultivo do milho, do grão-de-bico, trigo, feijão, hortaliças ou ainda a pastorícia. Fátima, à época, tem uma igreja paroquial, a residência do pároco e mais umas quatro casas. Os sonhos de dança de Jacinta só se projetam nas estrelas que a fascinam e com quem ela brinca à luz dos seus olhos vivos e inquietos, porque Lisboa, que agora se percorre em menos de uma hora, está metaforicamente mais distante do que aquelas estrelas que fazem parte do seu corpo de bailado. Lúcia, Francisco e Jacinta são crianças analfabetas que em vez de terem uma caneta para escrever as letras do abecedário e os números têm um cajado para conduzir os rebanhos. São pastores. Porque os chama Deus para uma história tão misteriosa e intensa com o divino. Porque não quem está no meio do inferno da guerra?

Jesus também não nasceu em Roma, mas é em Roma que está a sede física da sua Igreja. Deus é tudo menos previsível,

por isso o encanto quando entramos no seu jogo, porque é isso mesmo, é tudo menos previsível. Deus é a fonte de inúmeras histórias que tornam o impossível em possível. Como a de Moisés, que atravessou o mar Vermelho com o seu indefeso povo e deixou submerso o poderoso exército do faraó; como a de Jonas, que ficou três dias no interior da baleia; como a do pastor David, que com uma «fisga» derrotou o brutal e invencível Golias; como a dos apóstolos, que eram tão analfabetos como os pastorinhos de Fátima e pela presença do divino se transformaram e foram a semente irreversível do Cristianismo.

Fixemo-nos nos apóstolos, porque também se pode fazer a mesma pergunta: porque os escolheu Jesus? Estariam eles preparados? Eles desejaram esse destino? Disseram «Jesus, escolhe-nos»? Foram à bruxa e esta disse-lhes, lendo as mãos ou as cartas, «anda por aí o Messias e vai escolher-nos». Foi imprevisível, mas as consequências e os frutos foram bons. E o interessante disto tudo é que pegamos nas personalidades de cada um dos apóstolos e podemos ver empresários, homens e mulheres de sucesso com características idênticas. Os apóstolos não são só analfabetos e ignorantes. São seres humanos com personalidades vincadas. Pedro é impetuoso, violento, determinado, mentiroso, quantos empresários de sucesso não são assim? Paulo, também outra escolha imprevisível de Jesus, era um judeu radical que perseguia cristãos e esteve presente no martírio de Estêvão, tem um visão global da missão, não é blasfêmia, já que fazemos comparação com empresários, uma visão global do negócio; é metódico, preparado, perseverante, mas só com a chama de Deus todas essas características da sua personalidade vão tocar, e continuam a tocar, inúmeros corações humanos. João, o evangelista, apóstolo, também sem preparação literária, tem a vaidade – ele quer sentar-se à direita de Jesus na eternidade – e a sensibilidade dos grandes escritores, e a presença do Espírito Santo lapida essas características como ao diamante em bruto. E vai escrever dos mais profun-

dos textos místicos tendo Jesus como protagonista. E, tal como os apóstolos, os pastorinhos não eram só analfabetos e ignorantes. São um paralelismo. Vejamos, em Lúcia existia uma potencial escritora, por isso Nossa Senhora a manda aprender a ler e escrever. Jacinta, a menina dos diversos humores com o seu poder de atração, os olhos que magnetizam, podia ter sido uma bailarina ou uma atriz de Hollywood. Mas a sua história acaba por ser semelhante à da protagonista de um filme de óscar hollywoodesco. Porque acontece tudo aquilo que o público não está à espera. É surpreendente como as grandes histórias.

AS APARIÇÕES DO ANJO

Na história de Deus diz-se que não há acasos, mais comumente, as pessoas, mesmo sem qualquer experiência mística ou interesse religioso, afirmam que «não há coincidências», são sensíveis a essa frase e muitas vezes esse «não há coincidências» é o sinal que leva muitas dessas pessoas a avançarem para projetos de sucesso. E o facto de os três pastorinhos estarem juntos no dia em que se dá a primeira aparição do Anjo não foi obra do acaso. Lúcia realmente é prima de Jacinta e Francisco, mas é mais velha e naturalmente pastoreia com outro grupo de pastorinhos. Lúcia gosta muito dos primos. Jacinta, na sua fragilidade, é uma força da natureza, de uma beleza em todos os sentidos, e a sua presença é um bálsamo na vida de Lúcia. Francisco, mais instrospectivo, reservado, é um contemplativo amigo da natureza e dos animais – nos tempos modernos poderia ser perfeitamente um ativista na luta pela preservação do ambiente. Tem também já em si aquele sinal de santidade muito peculiar em São Francisco de Assis, o amor pela natureza e pelos que dela fazem parte. São Francisco chamava irmão ao Sol, à Lua, às estrelas, às árvores, aos pássaros, a outros animais, e Francisco Marto, na prática, faz o mesmo. Mesmo vivendo pobremente, certa vez pagou um vintém a um menino para libertar um passarinho, para ele poder voltar a

voar. Tem a sensibilidade dos poetas que se renovam com as particularidades e diversidades da natureza.

Lúcia vibra com a presença dos primos até pela harmonia com que estes se relacionam, completam-se, como se juntos criassem um ser quase perfeito. Além de que tem ascendente sobre eles, e Lúcia gosta dessa sensação de poder, é uma líder nata. Deseja que os primos se juntem a ela na pastorícia, mas esse desejo não é satisfeito pela carismática matriarca que é a sua mãe. Ti Maria Rosa é a chefe, de princípios religiosos muito rígidos e inflexíveis, forte sentido de família, e encantada por todas as figuras e histórias bíblicas que narra com entusiasmo aos seus filhos, sobrinhos e à comunidade. Curiosamente, vai ser a maior oponente a Lúcia quanto à veracidade das aparições. Ela tem um sentido de compromisso e verdade intransigentes. Mas há um detalhe, Jacinta também tem essa determinação, não reza – ainda mal sabe rezar –, não se ajoelha a suplicar para que Lúcia se junte a eles na pastorícia, não procurará nenhum vidente para a ajudar a satisfazer essa sua vontade, simplesmente, no seu propósito interior, tem essa vontade, se não vejamos: Lúcia anda com os tais amigos, mais da idade dela, que também não frequentam a escola porque andam a guardar as ovelhas, quando vislumbra um vulto, algo sem forma, mas misterioso, e, já com um imaginário religioso bem rico, induzido por sua mãe, sente-se atraída pelo mesmo. Impulsivamente, na sua ingenuidade de criança, partilha essa visão com os seus companheiros, quer seguir esse vulto do Além, como aqueles que buscam sinais de extraterrestres e ao primeiro sinal vão incessantemente atrás. A visão repete-se e Lúcia, convicta, arrasta os amigos pastores para um encontro imediato com algo de extraordinário, tão ao gosto das crianças, acaba por se ver traída e humilhada, e torna-se alvo de chacota. É uma manobra na credibilidade da família da matriarca Maria Rosa. Representa tudo o que ela detesta. É certo que pode disfarçar-se, tolices de crianças, numa lingua-

gem mais apropriada. E é natural que assim fosse interpretado. Lembro-me que quando eu tinha onze, doze anos, havia uma casa abandonada ao cimo da Avenida Sabóia, que era uma avenida larga, no Monte Estril, onde eu vivia. A casa era mais elevada que as outras e dizia-se que era assombrada. As pessoas juravam a pés juntos a existência de fantasmas. Narravam as figuras do Além, arrepiantes, todas de branco, e contornava-se a tal casa num medo que se generalizou até ao dia em que um polícia, menos sensível às coisas do Além e aos filmes de terror com fantasmas, fez uma investida noturna à dita moradia assombrada. E lá estavam uns jovens, da minha idade, alguns meus colegas e amigos de quem nunca iria desconfiar, cobertos por lençóis, divertindo-se a bandeiras despregadas do pânico que iam espalhando.

Está correta a análise da família de Lúcia, «tolices de criança». E perante a troça dos companheiros de Lúcia, troça essa que é desmesurada, ti Maria Rosa, que possui a desconfiança e habilidade dos políticos, tem a perfeita noção de que há que preservar a sua filha Lúcia. E é por isso que Lúcia se junta aos primos no pastoreio. O pedido secreto de Jacinta confirma-se. Deus escreve direito por linhas tortas, não há aca-sos, não há coincidências. Esse vulto, que segundo Lúcia não era humano, fenómeno inexplicável, é que faz com que os três primos se juntem. Pastoreiam, livres, longe dos olhares de gozo e maldade de outras crianças.

Nessa primavera de 1916, os três pastorinhos andam com os rebanhos numa propriedade que se chama Chousa Velha. É um contraste dramático com a guerra que envolve o mundo, brutal, nas trincheiras da Europa e com uma Rússia onde as convulsões sociais começam a ganhar uma dinâmica imparável. A meio da manhã, longe dos tiros, explosões, gritos de dor e aflição, Jacinta, Francisco e Lúcia são envolvidos por uma chuva miudinha – segundo o relato da própria Lúcia –, uma chuva que não é carne nem peixe e que não é mais que orvalho.